

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 187

Data: 24 de fevereiro de 1989 Pg.: _____

ECOLOGIA

4468

A dívida ou a vida do planeta

Ecologistas pedem o perdão da dívida em nome da salvação da Amazônia

Fotos: Jorge Cardoso

Rubens Araújo
Enviado Especial

“O que está acontecendo na Amazônia é uma guerra de rapina. Não é progresso nem desenvolvimento, é saque”. A frase de José Lutzenberg, Prêmio Nobel Alternativo de Ecologia do ano passado, deu o tom dos discursos quase dramáticos proferidos ontem no quarto dia do **I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu**, em Altamira (PA). Junto com Lutzenberg falaram vários parlamentares estrangeiros. Um deles, inclusive, defendeu para o Brasil as usinas nucleares no lugar das hidrelétricas.

As lideranças deram espaço, ontem, para que os brancos falassem, sem antes, porém, abrir o dia com algumas manifestações de peso, como as do Kayapó Kube-I (ele disse que “o governo mora na cidade e não na floresta, por isso não se preocupa com os índios”) que foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional juntamente com Paiaçan e o antropólogo norte-americano Darrel Posey no ano passado (pediram em Washington que o Banco Mundial não emprestasse dinheiro para usinas). Ele exigiu ainda que o dono do bar “Kararaô”, de Altamira, mudasse o nome do negócio.

Kube-I lembrava assim, com sua exigência, a atitude da Eletrobrás, responsável pelo projeto da Usina de Kararaô, motivo do encontro, que resolveu não mais nomear uma hidrelétrica com expressão indígena. A barragem da estatal está sendo proposta para a Volta Grande do Rio Xingu, região próxima a Altamira. Os índios temem que a inundação provocada por Kararaô traga danos irreversíveis ao equilíbrio ecológico da região e do resto do mundo.

No final da tarde de ontem, de maneira espontânea, formou-se uma grande passeata num dos bairros centrais de Altamira — o Bairro Brasília — com a participação de cerca de dez mil pessoas. Ao contrário da passeata organizada pela UDR na última segunda-feira, que contou até com a declaração de feriado local por parte da prefeitura, a passeata de ontem tinha em oitenta por cento dos seus participantes gente da população local. A passeata concentrou-se para ouvir vários discursos em defesa da causa indígena/ecológica contra a construção da usina. Entre outros nomes de peso, falaram a atriz Lucélia Santos e o escritor e jornalista Fernando Gabeira. A UDR tentou tumultuar a passeata, mas as lideranças indígenas conseguiram acalmar os manifestantes que não entraram em conflito com os adversários.

Prêmio

Antes dos parlamentares estrangeiros falarem, a Sociedade de Preservação de Recursos Naturais e Culturais da Amazônia — SOPREN — distribuiu o prêmio anual “Amazônia”, para dez ecologistas, entre eles o americano Darrel Posey e um posmortem para o sindicalista Chico Mendes, assassinado no final do ano passado. O prêmio de Chico Mendes foi entregue à americana Barbara Bramble, da Federação Nacional da Vida Selvagem, que deverá passá-lo para a viúva do ecologista.

A impressão mais forte do dia, porém, foi dada pelos parlamentares estrangeiros e pelo engenheiro agrônomo José Lutzenberg. Eles deram



Manifestação contra Kararaô: população de Altamira une-se às lideranças indígenas

uma idéia mais exata da dimensão que os problemas da Amazônia vêm alcançando no exterior. Um deles, o deputado belga Paul Staes, do Parlamento Europeu, demonstrou a preocupação com a floresta: “Existe terra suficiente fora da Amazônia, para que se faça agricultura nela”. Falou de seu desejo: “É preciso eliminar grande parte da dívida externa brasileira, com a condição do Brasil parar com projetos como esse (Kararaô)”.

O pensamento de Staes é o mesmo dos outros 19 parlamentares do Rainbow Group, a ala verde do Parlamento Europeu, que tem ao todo 120 deputados da Europa. Esse parlamento influi nas discussões sobre os financiamentos do Banco Mundial para o Terceiro Mundo, inclusive aqueles que dizem respeito a projetos energéticos. O belga disse que os investimentos do Banco deveriam servir para “projetos de desenvolvimento pequenos e adequados, dos quais participem também entidades não governamentais”. E prometeu aos índios: “Vamos levar a luta de vocês para o Parlamento”.

Paul Staes sugeriu ainda, lembrando as proximidades das eleições, que os deputados brasileiros tentem criar um “código de conduta” para as empresas multinacionais que atuam no País. Segundo ele, “todo esforço é válido para que os bancos internacionais mudem sua política para essa região”.

Contra as barragens, mas defendendo uma alternativa muito criticada pelos ecologistas do mundo inteiro, colocou-se também o senador trabalhista Tam Dalyell, do parlamento inglês. Ele não concorda com a construção de barragens. Acredita que em seu lugar o Brasil poderia resolver o problema de energia com usina nuclear: “Não essas que já existem aqui, que estão completamente defasadas, mas usinas modernas. Os EUA e a Alemanha poderiam ajudar o Brasil a projetá-las”. Dalyell disse que já vem trabalhando essa idéia no parlamento inglês há um certo tempo.

O senador acha que a natureza perde muito com a construção de hidrelétricas. Segundo ele, a barragem ameaça a rica flora amazônica, da qual “só se conhece um por cento”. Dalyell informou que a universidade inglesa de Edinburg pesquisa a cura da Aids com a “castano sperma”, produto de uma castanha da região.

O engenheiro agrônomo José Lutzenberg disse que todo o interesse internacional sobre Altamira aconteceu principalmente depois da morte de Chico Mendes: “Pela primeira vez o Planeta todo está olhando para cá”. E não é exagero. No debate de ontem, Roberto Esmeraldi, da entidade ecológica italiana “Amigos da Terra”, leu uma mensagem para os índios de Juliano Amato, ministro da Fazenda da Itália. Amato prometeu “o empenho do governo italiano para que a proteção de vosso ambiente seja objeto de prioridade por parte das instituições financeiras que financiam projetos que vos ameaçam”. Detalhe importante: o ministro é representante da Itália junto ao Banco Mundial.

Hoje, último dia do **I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu**, não haverá debates no centro comunitário. As 11h00, os índios irão receber alguns parlamentares brasileiros no aeroporto, com os quais conversarão mais tarde sobre o problema de Kararaô. Para fechar o evento, os índios Kaiapó farão, às 17h00, a tradicional festa do milho.

Dívida

O engenheiro agrônomo José Lutzenberg é um conhecido defensor da Amazônia. Mais no exterior do que no Brasil. Foi lá que, no ano pas-

sado, ganhou o Prêmio Nobel Alternativo de Ecologia. Por isso, ele está em Altamira para defender uma questão que conhece bem. O que não lhe falta é bom senso e conselhos coerentes. Um deles, que chegou a causar polêmica, tem a ver com a Amazônia: o pagamento da dívida externa com a preservação da região.

A relação entre pagamento da dívida e a preservação é, a princípio, difícil de entender. A idéia de Lutzenberg é a de que os credores aceitem o dinheiro gasto com fundações e entidades pró-Amazônia como pagamento dos juros da dívida. Essa idéia surgiu no ano passado em Berlim, quando o agrônomo assistiu a uma reunião do Banco Mundial.

Na reunião, Lutzenberg ouviu alguns banqueiros discutirem a possibilidade de simplesmente perdoarem a dívida externa brasileira. “Pensei que isso seria muito fácil para o Presidente Sarney. Ele daria pulos de alegria e faria mais dívidas. A dívida tinha que ser paga de alguma forma”. Nesse momento veio a idéia da troca da dívida pela preservação da floresta Amazônica.

O conceito de “troca” tem provocado traduções erradas, segundo Lutzenberg, como é o caso da internacionalização da Amazônia. “Essa coisa da internacionalização é uma chantagem emocional do governo. É o próprio governo que está internacionalizando a Amazônia, entregando-a a preços vis. Carajás é um exemplo disso”, argumenta. Ele diz ainda que a explicação do governo de que “internacionalizar é perder a soberania” é falha: “Mesmo que um alemão compre uma terra na região para preservar, o Brasil não é afetado em sua soberania, porque o comprador terá que se sujeitar às legislações brasileiras”.

O preço em Altamira

Altamira, durante o Encontro dos Povos Indígenas, está vivendo o período do “quem dá mais”. Os comerciantes locais não fazem cerimônia em dar largas facadas nos “turistas”, principalmente quando o consumidor é alto, louro e de olhos azuis. O importante é faturar. Do sanduíche ao táxi, quase tudo entrou na dança do preço. No joguinho da inflação participam até os índios que, dependendo do freguês, sobem o valor de seus serviços.

É difícil falar em Plano Verão em Altamira. A expressão aqui é, no máximo, uma lembrança do que o Governo Federal fez com a economia no começo do ano. Raramente encontra-se uma loja de comércio que tenha atualizado seus preços para a nova moeda. A explicação pelo desprezo é a dificuldade de acesso à cidade. Os comerciantes, além de pagar o produto, têm que pagar também o frete. Uma boa cervejinha para amenizar o sol esturricante da região custa, por exemplo, NCz\$ 1,40, ou 600 “cruzados velhos” a mais do que em outras localidades.

A cerveja aqui não aumentou com a vinda de mais de 200 jornalistas para a cidade, além dos 500 índios, ecologistas e pesquisadores. E nem podia, devido ao alto custo. Em compensação, alguns serviços básicos, como o transporte, aumentaram expressivamente de valor. Sem ônibus — a cidade é pequena e só tem 100 mil habitantes — o táxi é o único meio de locomoção, sem falar na bicicleta. E são os taxistas quem mais lucram com a revolução que Altamira vive.

O táxi do aeroporto para o centro da cidade, que antes custava NCz\$ 7,00, passou a custar de NCz\$ 10,00 a NCz\$ 20,00, dependendo da ganância do motorista. Os novo quilômetros de Altamira para a Chácara Betânia, onde estão alojados os ín-



Índios do Xingu: nenhum combate ao “Plano Verão”

dios que vieram ao encontro, saem caros para quem vai de táxi. O preço varia de NCz\$ 10,00 a NCz\$ 30,00, quando antes era cobrado, no máximo, NCz\$ 7,00. Observação: nenhum carro tem taxímetro.

Na corrida inflacionária, entraram também os índios. Isso mesmo. A pintura de rosto, feita com jenipapo e carvão, pelos indígenas, não sai de graça. Boa parte dos brancos que querem estar parecidos com os índios, e não são poucos, pagam de NCz\$ 0,50 a NCz\$ 1,00 para terem a cara pintada. O fotógrafo Jorge Cardoso, do **Journal de Brasília**, teve que pagar um cruzado novo pela foto de um índio, que não ceitou NCz\$

0,50, sob o pretexto: “Quero nota nova”.

Só alguns poucos índios, contudo, fazem esse tipo de transação. A maioria adora ser fotografada. Faz até pose. Ali eles não estão muito preocupados com dinheiro, tanto que ao tentar comprar um micro de uma índia por NCz\$ 10,00, ela se recusou terminantemente a vender. Certas coisas não se vendem ou trocam. E é isso o que os índios estão tentando dizer no encontro.

□ O senador Jarbas Passarinho (PDS) pediu a criação de uma CPI para debater a exploração da Amazônia. Leia na página 4 do Primeiro Caderno.

A “expulsão” de Sting

Bep-Gorotire Paiaçan, líder kayapó e idealizador do **I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu**, negou ontem que o cantor inglês Sting tenha sido expulso de Altamira pelos índios, como noticiou o jornal **O Estado de S. Paulo**. “A imprensa mesmo inventou essas coisas. Sting é nosso amigo. Ele veio aqui para falar do seu projeto e foi embora feliz. Ninguém expulsou ele”, afirmou Paiaçan.

Sem uma assessoria para orientar a imprensa, o encontro em Altamira está criando uma série de informações e contra-informações que deixam os jornalistas confusos. Com relação ao caso de Sting, comentava-se que havia alguma animosidade dos kayapó, porque o roqueiro não se manifestou a respeito da usina de Kararaô, a pedra no sapato, ou melhor, na sandália dos índios. Um organizador do evento disse, inclusive, que a única pergunta de Paiaçan para Sting foi: “você veio aqui para aparecer ou para ajudar a gente?”.

Na coletiva de terça-feira, Sting realmente não quis falar sobre o problema de Kararaô. Ele disse que não tinha muitas informações sobre a hidrelétrica. Preferiu falar sobre o projeto da fundação em defesa da Amazônia, ainda sem nome, que pretende, a princípio, aumentar o tamanho do Parque Nacional do Xingu até às aldeias da região que ele não alcança. A entidade terá como principais diretores os líderes indígenas Megaron e Raoni, grandes amigos do cantor inglês.

Sting deixou Altamira na quarta-feira. Não chegou sequer a aparecer no centro comunitário, onde está sendo realizado o encontro. “Foi opção dele. Ele quis ficar isolado”, disse Paiaçan.